

A PRÁTICA AVALIATIVA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA VISÃO DOS ESTUDANTES

Jaqueline Dourado do Nascimento¹

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo verificar como é a prática avaliativa em educação a distância na visão dos estudantes, do Programa Universidade Aberta do Brasil, do Curso de Licenciatura em Matemática, no Polo Regional de Ibotirama. A avaliação da aprendizagem na educação superior é uma temática que demanda um estudo sobre as diferentes percepções dos sujeitos integrantes desta modalidade de ensino. A metodologia utilizada com base em uma abordagem qualitativa, a partir de um estudo de caso, contando com a participação de 16 acadêmicos. Uma turma formada em grande parte por pessoas do sexo feminino, com a faixa etária predominante de 31-40 anos. Estes trabalham na área de ensino e pretendem quando concluírem o curso serem professores de matemática. Observou-se que as práticas avaliativas do curso investigado têm o foco nos aspectos quantitativos, os discentes não participam nos processos de decisão do curso. Embora as práticas avaliativas dos mesmos sejam voltadas para os aspectos quantitativos desejam realizar novas práticas com seus estudantes no exercício da docência. Desta forma, considera-se que os resultados desta pesquisa poderão servir de subsídio para orientação dos profissionais da educação que desenvolvam, principalmente, trabalhos de formulação de cursos, disciplinas na modalidade a distância possibilitando uma ampliação da discussão da importância de práticas avaliativas condizentes com os objetivos propostos para a mesma.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem, Educação a distância, Tecnologias da informação e comunicação, Estudantes.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da visão dos estudantes referente à prática avaliativa na educação a distância (EAD), modalidade esta que assume destaque na ampliação de vagas no ensino superior brasileiro e, por considerarmos a avaliação da aprendizagem um grande desafio que requer, além do suporte legal, toda uma mudança na elaboração das disciplinas ou cursos. Na contemporaneidade, ter acesso à educação e à informação tornou-se algo essencial, principalmente saber fazer uso desse conhecimento. O estudar deixou de ser uma etapa estanque da vida e passou a ser um ininterrupto processo (CASTRO, 1999).

As discussões sobre educação no Brasil têm apresentado um foco para a Educação Superior, visto que uma parcela muito pequena da população tem acesso a essa modalidade de

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Professora do Curso de Administração Pública e Gestão Social da Universidade Federal do Cariri - UFCA, jaqueline.dourado@ufca.edu.br

ensino, segundo dados do censo demográfico de 2010, somente 9,9% da população acima de 25 anos das pessoas tinha concluído o ensino superior (IBGE, 2010). O Ministério da Educação, através da Secretaria de Educação a Distância, insere no país políticas públicas voltadas para aumentar a inclusão nesta modalidade de ensino. Como exemplo, temos o Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB) trazendo uma proposta de um ensino superior de qualidade e público, com uma nova metodologia (BRASIL, 2006; ZUIN, 2006). Ao lado que a busca pela qualidade do ensino nas diferentes modalidades, também é percebida na educação superior, e como estratégia para verificar a eficácia do processo de ensino-aprendizagem se faz necessário avaliar. Uma avaliação que seja desenvolvida a partir de objetivos claros, bem formulada e que leve a tomada de decisão.

O ato de avaliar está intimamente relacionado com a concepção de educação e visão de mundo que possuem os diferentes atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (DALBEN, 2002). No cotidiano dos espaços educacionais observa-se uma continuidade de antigas práticas, uma avaliação limitada a quantificar e medir, com ênfase nos instrumentos. Há uma dissociação entre o que se ensina e avalia, muitas vezes, o objetivo de construção do sujeito cidadão, o aprender a aprender é pouco percebido (LIMA JÚNIOR; ALVES, 2006).

Neste espaço de constantes mudanças, com as novas relações desenvolvidas pelos avanços tecnológicos e dos meios de comunicação, gera dentro do sistema educacional a abertura de novos espaços e maneiras de aprender, como exemplo temos a educação a distância (EAD). Que já foi considerada por muitos como uma educação destinada para pessoas que não queriam ter muito trabalho, que seria um meio mais fácil de acesso ao ensino superior e para indivíduos que não tiveram acesso ao ensino regular, "um expediente alternativo para resolver carências emergenciais ou acumuladas por anos de descuidos", no contexto atual assume um novo patamar (BENAKOUCHZ, 2000, p.5). Como nos traz Lobo Neto (2003), a EAD passa de uma alternativa em fase experimental e paliativa para uma estratégia de democratização do ensino de qualidade. E mais do que uma estratégia a EAD é educação, a qual deve estar entrelaçada com os objetivos do indivíduo e da sociedade.

Uma ação maior da EAD ocorre quando compreendemos que é uma educação como qualquer outra, em que não é um mero instrumento de aumentar o acesso à educação formal. Não negando essa função, mas ampliando o seu alcance de capacitar os profissionais da educação e a possibilidade de especializações e formações de outras ocupações. "A educação a distância é uma forma de fazer educação e, portanto, como educação, está necessariamente vinculada ao contexto histórico, político e social em que se realiza como prática social de natureza cultural" (LOBO NETO, 2003, p.405).

Os desafios impostos pelo novo meio de acesso ao conhecimento também ocorre com os estudantes, os anseios, desejos, dificuldades estão presentes no cotidiano dos mesmos. Os fatores como a qualidade de participação nos fóruns, a realização de leituras, a quantidade de avaliação, o tempo disponível para a realização das atividades, a qualidade de acesso à internet, o ritmo de cada estudante, falta de disciplina, entre outros fatores estão presentes no processo de aprendizagem (LAGO, 2003; MEDEIROS et al, 2003). Lago (2003) afirma que a quantidade de atividades a serem realizadas pelos estudantes devem ser melhor dimensionadas, pois em estudos já evidenciam que muitas vezes seriam necessário o dobro de tempo para a realização das mesmas. Nesse sentido, a gestão do tempo se torna complicada porque precisamos estar online em outros espaços sociais.

Em relação a gestão do tempo percebe-se que é uma dificuldade relatada pelos estudantes e tutores. Na pesquisa realizada por Barbosa e Rezende (2006), os tutores participantes relataram ter dificuldades para realizarem todas as atividades designadas nos prazos estabelecidos, um dos fatores é em relação aos tutores terem mais de um emprego, como também os estudantes. Algumas das dificuldades para a realização dos trabalhos decorrem da sobrecarga de horário, assumindo vários papéis e as dificuldades de interação com todos os estudantes, de desenvolver na prática a proposta pedagógica.

Para Lago (2003), alguns pontos são importantes na EAD como o aspecto humano do estudante, o aspecto técnico e o conteúdo, os quais devem ser considerados e desenvolvidos para que se possa ter acesso ao conhecimento. O próprio processo de formação do modo da EAD já é algo diferente do que estamos acostumados a vivenciar, o que por si só é carregado de significados e mitos, como se realmente tem qualidade e se ocorre a aprendizagem no ensino em EAD.

A avaliação da aprendizagem é um tema dentro do âmbito educacional cercado de preocupação, temor, dúvidas, inquietações por parte dos atores envolvidos no desenvolvimento da mesma. “Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva; ao contrário, é diagnóstica e inclusiva” (LUCKESI, 2002, p.84). Essa definição de Luckesi (2009) também apresentada por Hoffmann (1991) de que a avaliação não é algo estanque, um produto final de um processo, mas o ato de avaliar está vinculado a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem, como subsídios para a tomada de decisão.

Para uma melhor compreensão do papel da avaliação na educação, um dos aspectos a serem observados é a conexão que existe entre a concepção de educação, de mundo dos atores envolvidos no processo de ensino- aprendizagem, que está arraigada de valores e crenças

(DALBEN, 2002; ROMANOWSKI, 2008). O modelo de educação em que a maioria das práticas avaliativas está atrelada é ao autoritarismo, com “um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade”. Desta maneira, entendemos que não é uma atividade neutra, visto que

[...] dentro do modelo liberal conservador, terá de, obrigatoriamente, ser autoritária, pois esse caráter pertence à essência dessa perspectiva de sociedade, que exige controle e enquadramento dos indivíduos nos parâmetros previamente estabelecidos de equilíbrio social, seja pela utilização de coações explícitas seja pelos meios sub-reptícios das diversas modalidades de propaganda ideológica. A avaliação educacional será, assim, um instrumento disciplinador não só das condutas cognitivas como também das sociais, no contexto da escola (LUCKESI, 2009, p.32).

Com relação as funções da avaliação, divide-se em formativa e somativa. A avaliação formativa, tem um aspecto mais processual e diagnóstica. Para o professor fornece elementos para tomada de decisão relacionadas ao estudante, rever as dificuldades, os caminhos estabelecidos para o trabalho desenvolvido buscando alternativas que possibilite a aprendizagem dos educandos, também, servem como meio de ver a integração e relacionamento dos estudantes com os atores escolares, contribuindo para a avaliação do ensino e a autoavaliação do estudante (FERREIRA, 2002).

A avaliação somativa realizada no final do processo tem assumido destaque nos espaços educacionais, com a função de classificar, quantificar, um produto final do processo, minimizando a aprendizagem e crescimento do indivíduo. Ênfase nas medidas, no quantitativo, no verificar, nos instrumentos de coleta de dados, nos testes. A avaliação de qualidade seria aquela em que fosse possível quantificar a aprendizagem do estudante. O professor se preocupa em saber se o discente foi aprovado ou reprovado, quais notas deverão estar no diário de notas e se o índice de reprovados está muito grande, assumindo um papel classificatório e discriminatório. As boas turmas ou os bons estudantes são aqueles que obtêm excelentes médias (FERREIRA, 2002; LUCKESI, 2009).

Como parte do processo educativo, a avaliação deve ser uma constante na prática do professor, pois proporciona visualizar e solucionar problemas enfrentados quer seja, referentes a metodologia utilizada ou dos conteúdos abordados e conhecer a realidade em que está inserido. Em “um processo interativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação” (HOFFMANN, 1991, p.18).

Hoffmann (1991) relata alguns princípios norteadores da avaliação. O primeiro fundamentado em uma pedagogia construtivista conscientizadora que exige uma visão de estudante como sujeito do seu desenvolvimento, dentro do seu contexto social e político tendo autonomia intelectual e moral, criativos e participativos. O segundo princípio se refere a

concepção de “avaliação da teoria das medidas referenciadas a critério” contrapondo-se a teoria que concebe a avaliação como norma de caráter classificatório e adotando uma perspectiva interpretativa da aprendizagem construída no cotidiano de sala de aula. É necessário mostrar a descrição e interpretação dos erros evidenciados, uma avaliação formativa (HOFFMANN, 1991, p.18).

A prática avaliativa, como nos traz Luckesi (2009), está marcada pela visão reducionista da avaliação centrada em provas, exames e em dados quantitativos. Acreditam que o importante são os conceitos e notas que conseguem definir se o estudante aprendeu ou não, utilizam como forma de responder aos pais, a escola e até a sociedade, “como disciplinamento social”, “as provas e exames são realizados conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino. Nem sempre se leva em consideração o que foi ensinado [...]. As médias são médias entre números e não expressões de aprendizagens bem ou malsucedidas” (LUCKESI, 2009, p.23).

Para ultrapassar essa concepção de avaliação meramente quantitativa alguns aspectos devem ser buscados: inicialmente, conhecer qual visão de educação está orientando a prática avaliativa, além disso, estejam presentes no processo contínuo de transformações nas práticas pedagógicas; sendo um meio de conhecer a realidade para tomada de decisão tanto para discentes e docentes, de reorientação dos percursos e práticas, e também um rigor no desenvolvimento da avaliação (LUCKESI, 2009)

As discussões sobre avaliação da aprendizagem, em sua maioria, são voltadas para a educação básica e poucos são os estudos na educação superior, algo que gera preocupação já que os estudantes nesta modalidade de ensino serão os futuros professores dos diversos níveis de ensino, consideramos que

As experiências que os futuros educadores têm no seu processo de formação são decisivas para suas posturas posteriores, na prática da sala de aula. Há, portanto, necessidade que esses educadores tenham já na sua formação uma nova prática em termos de avaliação. Apesar de teoricamente não aceitar mais o ‘faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço’, no cotidiano dos cursos de formação é isto que se observa também em relação à avaliação, ou seja, os futuros professores recebem uma série de conceitos bonitos sobre como deve ser a avaliação de seus alunos, mas é avaliado no esquema bem tradicional... Assim, quem trabalha com a formação acadêmica dos novos professores tem também um compromisso de mudar a prática de avaliação dos mesmos (VASCONCELLOS, 2000, p.84).

No contexto atual, a EAD apresenta-se como uma política pública de transformação do ensino-aprendizagem antes restrita as escolas, que transpõem os lugares já prefixados, uma maneira de ressignificar a prática (LIMA JÚNIOR; ALVES, 2006). A mudança de paradigma, com uma nova compreensão de educação, de avaliação com novas atitudes e valores exige-se no atual contexto (DALBEN, 2002). Gerar transformações implica em um processo contínuo

de ação – reflexão e a participação de todos os envolvidos no processo de maneira que “cada qual (professor e/ou aluno) participará com sua condição e condicionamentos, de um modo único e particular, cabendo a cada um uma responsabilidade específica e compartilhada [...]”, cooperação, corresponsabilidade, ser parte do processo de construção do conhecimento, o que engloba o ato de avaliar (LIMA JÚNIOR; ALVES, 2006, p.70).

Na educação superior, essas mudanças influenciam no processo de formação dos professores, o que se torna um desafio rever práticas avaliativas tradicionais e de certa maneira, consideradas confortável por quem as utilizam, sem sair da zona de conforto, não se responsabilizando sobre a formação da concepção de educação articulada com uma prática avaliativa coerente com as transformações ocorridas nos cenários educacionais (BRITO; LORDÊLO, 2009).

Os instrumentos utilizados para as atividades avaliativas na EAD são bastantes variados, como fóruns, *chat*, provas *online*, presencial e escrita, portfólio, pesquisas, lista de exercícios, atividades em grupo e individual, artigos, *wiki*, seminários, dentre outros. Muitos destes instrumentos têm o caráter quantitativo, mas segundo Ramal (2000) as avaliações que melhor expressam o resultado são as que não possuem esse caráter. As atividades avaliativas presenciais têm um maior peso em relação as *online*. A avaliação com função somativa na EAD acontece como maneira de garantir o processo de aprendizagem, também existe a questão da garantia da validade dos cursos e da participação dos educandos, um controle do processo avaliativo (BRASIL, 1998).

Na educação a distância novas exigências se fazem necessárias, como a autonomia, participação e cooperação no ambiente online, no entanto tem-se notado uma mera reprodução de práticas avaliativas do ensino presencial tanto pelos professores ou tutores, quanto dos discentes que assumem um papel passivo no processo de construção do conhecimento individual e coletivo (LIMA JÚNIOR; ALVES, 2006).

Assim, a opção da temática sobre a prática avaliativa em Educação a Distância na visão dos estudantes, com o exemplo do Programa UAB no município de Ibotirama, considerado como o universo desta pesquisa, deu-se principalmente por ser um tema atual no cenário educacional brasileiro que tem tido destaque em sua abrangência, por aprofundar o conhecimento sobre a realidade na qual estou inserida, enquanto profissional da educação, por ser um projeto novo dentro do Estado da Bahia e a primeira turma da Universidade Aberta do Brasil (UAB), da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), do Curso de Licenciatura em Matemática da área de exatas.

A escolha do Polo, localizado na Região Oeste da Bahia, deu-se em razão de ser o polo que no momento de realização da pesquisa atuava como tutora presencial da Especialização em Educação a Distância. E também, por considerar que a avaliação da aprendizagem significativa seja colocada em prática, além de estar bem formulada, com objetivos claros e precisos, é essencial entender as diversas variáveis que estarão influenciando o bom ou excelente resultado da mesma, dentre elas, como é a prática avaliativa nos cursos em EAD na visão dos estudantes (GATTI, 2008).

Este trabalho teve como objetivo verificar como é a prática avaliativa em educação a distância na visão dos estudantes, do Programa Universidade Aberta do Brasil, do Curso de Licenciatura em Matemática EAD/UNEB, no Polo Regional de Ibotirama. Vale ressaltar que, a avaliação da aprendizagem só é efetiva quando há uma real participação dos diversos atores envolvidos no seu processo de concretização. O conhecimento da realidade do processo de avaliação na visão dos estudantes propiciará discussões mais aprofundadas sobre a temática da avaliação da aprendizagem na educação superior, em especial na modalidade em EAD.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho utiliza-se da abordagem qualitativa, com base metodológica no estudo de caso, por ser este caracterizado pelo estudo profundo e detalhado, possibilitando ter múltiplas percepções do cotidiano a ser investigado (LUDKE; ANDRÉ, 1988). Para um conhecimento da compreensão dos estudantes sobre a avaliação da aprendizagem, participaram desta pesquisa discentes do Curso de Licenciatura em Matemática, da Universidade Aberta do Brasil - Universidade do Estado da Bahia, do Polo da cidade de Ibotirama, tendo a participação voluntária de 16 estudantes. A amostra de conveniência, incluindo todos os discentes da primeira e única turma do curso, com ingresso em 2008.

O Polo funciona diariamente, com aproximadamente 350 estudantes divididos entre os cursos de graduação - Matemática, Letras, Geografia, Biologia, Química e Administração Pública - e de pós-graduação - Especialização em EAD, Gestão Pública, Gestão Pública Municipal e Gestão em Saúde. O quadro de trabalho é composto por: uma coordenadora do Polo, uma secretária acadêmica, duas secretárias, uma coordenadora pedagógica, uma técnica em informática, dez tutores, três agentes de serviços gerais e um vigilante. Em relação a estrutura física do Polo tem quatro salas de aula, um laboratório de informática, uma sala de estudos, uma secretaria, uma sala da coordenação, dois banheiros. Não possui biblioteca.

Dentro do Sistema UAB, as instituições públicas de ensino superior entraram como parceiras, dentre elas, a UNEB, iniciou suas atividades UAB/UNEB com a abertura dos cursos de graduação e processo seletivo, no ano de 2008, para os cursos de graduação de licenciaturas em Matemática, Química e História e o curso de especialização em educação a distância na modalidade EAD. Foram criados diversos polos no Estado da Bahia, dentre eles foi criado o polo na cidade de Ibotirama. A escolha se deu a partir dos seguintes critérios: a instituição participa do Programa UAB, com cursos oferecidos na modalidade de educação a distância e concordância da coordenação do polo para a realização desta pesquisa.

Os dados utilizados foram obtidos a partir de fontes primárias: entrevistas e fontes secundárias: documentos oficiais, tais como relatórios, ofícios, planos de ensinos, matriz curricular, os quais foram analisados e que possibilitou a construção do perfil dos estudantes que participaram desta pesquisa.

Com o propósito de investigar como é a prática avaliativa em EAD na visão dos discentes, em um curso em EAD foram realizados os seguintes passos metodológicos. Passo I: Elaboração de um roteiro de entrevistas e o termo de consentimento livre e esclarecido para os estudantes. Passo II: Validação das questões que compõem o roteiro das entrevistas, por meio de um pré-teste realizado com estudantes de um outro curso em EAD, para estabelecer a clareza da linguagem, corrigir e adaptar as questões. Passo III: Realização das entrevistas pela autora do trabalho no Curso de Licenciatura em Matemática. O período de coleta foi junho a julho de 2010. Passo IV: Tabulação, análise e discussão dos dados coletados durante a pesquisa. Após a tabulação dos dados das entrevistas, procedeu-se a análise destes, fazendo uma relação entre o que se tem produzido sobre a temática da avaliação em EAD e o que se viu na prática no Curso de Licenciatura em Matemática da EAD/UNEB.

Os dados foram coletados por meio do roteiro de entrevista semiestruturado e documentos oficiais listados aqui: a portaria que instituiu o Programa Universidade Aberta do Brasil; o Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática na modalidade a distância, matriz curricular, planos de ensinos e cronogramas de atividades. Esses documentos foram utilizados para obter informações sobre as avaliações da aprendizagem.

Os estudantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido buscando a garantia do anonimato e confidencialidade das informações obtidas durante a pesquisa, de acordo com as prerrogativas da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Pesquisas envolvendo Seres Humanos do Ministério da Saúde, concordando com a realização do trabalho (BRASIL, 1996).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos os resultados da pesquisa realizada com os estudantes do Curso de Licenciatura em Matemática, no Polo de Ibotirama - UAB/UNEB, trazendo a fala dos estudiosos sobre a avaliação da aprendizagem para dialogar com a realidade do Polo. Optamos, inicialmente, traçar o perfil da turma pesquisada seguindo com uma descrição dos resultados obtidos para, finalmente, levantar as discussões referentes a avaliação na visão dos discentes. A turma iniciou suas atividades em 2009, com o ingresso de 36 estudantes, dois tutores presencial e a distância. Durante a realização da pesquisa 22 estudantes frequentavam o curso no terceiro semestre e 16 participaram da pesquisa. Com relação as características sociodemográficas dos pesquisados, existe uma predominância de estudantes do sexo feminino 11 (68,7%) sobre o do sexo masculino 5 (31,3%).

A idade variou de 21 a 50 anos, a faixa etária com leve predominância foi a de 31-40 anos, correspondente a 8 (50%). No que se refere à cor da pele, 6 (37,5%) são da cor preta, 6 (37,5%) da cor branca e 4 (25%) da cor parda. Nos dados sobre o estado civil 12 (75%) são casados. Quanto as informações relativas à profissão, 9 (56,2%) são professores da educação básica, ensino fundamental e médio, todos realizam algum tipo de trabalho remunerado, destes 10 (62,3%) desenvolvem suas atividades laborativas na área de ensino. A maioria da turma terminou o ensino médio a mais de oito anos, 9 (56,3%) continuaram os estudos e 7 (43,7%) ficaram de 7 a 29 anos sem estudar.

Os locais em que os estudantes mais acessam ao computador são as suas casas (81,2%) e no polo presencial (68,7%). Estes dados corroboram com a pesquisa de Arieira et al (2009) em que 80% dos universitários tinham acesso ao computador em seu domicílio. Para 37,5% dos pesquisados a *lan house* é um dos espaços em que fazem uso do computador dado este que difere do encontrado por Arieira et al (2009) que foi de 15%. No que se refere ao acesso ao computador e conhecimento de *softwares* empresariais, observou-se que mais de 80% possuem conhecimento de *softwares* de comunicação online e empresarias como *Word, Excel e Power point*.

Em relação a possuir microcomputador e ter acesso a internet em casa, evidenciou-se que 13 (81,2%) possuem esta ferramenta e 11 (84,6%) tem acesso a internet. Um número ainda considerável não tem computador em seu domicílio 18,7%, os que não têm acesso a internet correspondem a 15,4%. Segundo relato dos pesquisados dois estudantes que residem em um município vizinho tem maior dificuldade de acesso, os quais utilizam a *lan house* com conexão de péssima qualidade e na prefeitura da sede do município.

No que tange a experiência em docência, 13 (81,3%) possuem experiência. Quanto ao exercício da prática docente após conclusão do curso de graduação, 87,5% pretende atuar como professor de matemática, esse percentual é maior do que encontrado por Brito e Lordêlo (2009) em sua pesquisa que foi de 69,8%. Na pesquisa destes autores com estudantes universitários, na modalidade presencial 54,8% possuem experiência como professor e 45,2% nunca deram aula. Neste sentido emerge a necessidade de um olhar voltado para como ocorre o processo de formação destes futuros profissionais da educação e quais são as visões destes referentes a educação e a avaliação.

A esse respeito temos visto alguns espaços de formação a fim de que possibilitem o processo de ensino-aprendizagem, a exemplo dos ambientes virtuais de aprendizagem, como o *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (Moodle)* permitem a quebra de barreiras físicas, com interação entre professores, tutores a distância, tutores presenciais e os estudantes. Em uma análise feita sobre o conhecimento da plataforma *moodle* observamos que 81,3% não conheciam anteriormente o *moodle*. No entanto mesmo não tendo esse conhecimento anterior do ambiente virtual de aprendizagem, 68,7% consideraram boa a experiência com o mesmo, já em relação as atividades online a aceitação ficou entre regular e bom, 43,7% cada. O que difere com a pesquisa de Arieira et al (2009) das atividades online 60% consideraram bom e apenas 13,3% regular, e 70% não conheciam o *moodle*.

No que se refere à visão dos estudantes participantes desta pesquisa sobre a prática avaliativa, algumas questões foram elaboradas buscando compreender a percepção dos mesmos sobre a temática. A primeira pergunta foi referente ao que eles imaginavam quando ouviam ou viam a palavra avaliação, algumas das expressões utilizadas foram: assustar, testar, traumatizante, ultrapassado, tranquilo, medir o que aprendi, processo contínuo, autoavaliação. A entrevistada² Q-7 relata que “fica nervosa, tensa, afinal, será avaliado tudo o que aprendeu na disciplina, a maneira como fui trabalhado, decorar tudo e questionário com algumas questões, um acúmulo de informação”. Como se vê estes relatos ratificam o que Hoffmann (1991) diz sobre a avaliação, como um mito em nossa história de vida, pois retrata uma ação autoritária, de julgamentos, compreendidos a uma visão reducionista, e torna-se um desafio, pois esses mitos devem ser ultrapassados para assim ter condições de dar um novo significado, para si e outros, ao ato de avaliar.

²Nos resultados cada entrevistado é apresentado pela letra “Q” e o número de sua entrevista visando manter o anonimato dos participantes da pesquisa.

Para somente um entrevistado (Q-10) a avaliação não é percebida como medida e temor. Acredita em uma proposta de avaliação com função diagnóstica em que discente e docente a utilizem para a tomada de decisão “[...] é só um momento, nós somos mais do que uma hora ou quatro horas, que seja quantas horas forem a avaliação. Eu me sinto tranquila, não me preocupo com a nota que eu tiro, eu já pulei essa etapa, vamos dizer assim”.

[...] pois quantos alunos que não eram “bons alunos” hoje, mais tarde a gente encontra e se destacaram muito mais do que aqueles que tinham boas notas. Então isso é relativo, subjetivo, o homem é dinâmico, está em constante transformação, eu acho que a avaliação seria pra gente ver o que precisa melhorar, que metodologia nova eu vou utilizar, mas não avaliação de atribuir resultado, um 10,9,7 ou A, B, C ou D, porque toda essa seleção de verdade quem vai fazer é a vida (Q-10).

A compreensão da estudante Q-10 sobre a avaliação deveria estar presente em outros relatos. Uma avaliação que contribuam para a modificação das práticas pedagógicas e de autoavaliação por parte dos estudantes. Como abordado por Luckesi (2009) e Hoffmann (1991), a avaliação deverá ter um caráter formativo e emancipador, servir com informações que auxiliem a tomada de decisão e (re) significação das práticas, uma forma de conhecer de si e do mundo.

Para uma melhor compreensão sobre a estrutura e funcionamento do curso pesquisado serão apresentadas algumas informações. O curso de matemática na modalidade EAD possui duração de quatro anos, com carga horária de 2.830 horas/aula, divididos em oito módulos e três eixos compostos por disciplinas, no eixo 1 – Formação básica: saberes da matemática e conhecimentos gerais, 1.500 hora/aula; eixo 2 – Formação para a docência: estudo das relações entre matemática, cultura, desenvolvimento humano e cotidiano escolar, 720 horas/aula; e o eixo 3 – Articulação entre o saber matemático e o saber pedagógico na prática docente, 400 horas/ aula. As demais 210 horas/aula para o desenvolvimento de atividades acadêmico-científicas, com os Seminários Integralizadores, por módulo (UNEB, 2008).

Segundo a matriz curricular, o curso de licenciatura é o espaço que melhor possibilita ao futuro professor aprender com um olhar investigativo, a prática associada ao seu trabalho. Como pesquisador estaria sempre em processo de formação visto que “os educadores devem ser levados a reconhecer os problemas pedagógicos e a propor soluções para eles. A investigação deve ser um instrumento do qual se aperfeiçoam profissionalmente” (UNEB, 2008, 2008, p.2).

Acrescentamos também, a questão da compreensão da responsabilidade como educadores conscientes, de estimular o desenvolvimento com mudança de visão, de uma ideia deturpada transmitida sobre avaliação, de uma ação quantitativa, classificatória e seletiva,

sejam eles como educandos ou já nos cursos de formação. Logo, há uma tendência a reprodução de práticas vividas nos espaços universitários, de formação. Os estudantes, futuros profissionais, tendem a reproduzir o modelo aprendido com seus professores (VASCONCELLOS, 2000).

Ao analisar a matriz curricular, os planos de ensino e o cronograma de atividades das disciplinas, a avaliação da aprendizagem é voltada, quase que exclusivamente, para os aspectos quantitativos, direcionados à média a ser alcançada no final da disciplina. Os professores citam os instrumentos utilizados para a mensuração, tais como: fóruns, atividades online individuais e em grupo, discussão e resolução de listas de exercícios, avaliação escrita presencial (a prova), pesquisa, seminários, frequência, participação, questionários *online*.

Dos planos de ensino e cronogramas, somente quatro planos abordam práticas avaliativas diferenciadas, o de Educação Matemática II e Geometria Analítica II relatam que o estudante será avaliado de modo processual, com atividades diferenciadas, no entanto não as especificam. A disciplina Organização do Trabalho Pedagógico vem com a proposta de construção de um *webfólio*, que será dado um *feedback* aos estudantes pelo tutor a distância antes da postagem final. O Seminário integralizador proposto para acontecer em cada módulo, com o objetivo de articular os saberes trabalhados e com a participação da comunidade, o estudante pode receber os conceitos satisfatório e não satisfatório.

Observa-se que não há componentes curriculares específicos para a avaliação que levem a uma reflexão ampliada sobre o ato de avaliar, sendo esse um fator importante para um curso que é voltado para a docência. Segundo Magnavita (2003), na EAD um dos problemas enfrentados é a criação de cursos fragmentados sem conhecimento da realidade em que serão desenvolvidos os cursos, sem se importar com as circunstâncias do processo de ensino - aprendizagem. Nesta pesquisa foi identificado essa fragmentação quando analisamos a matriz curricular e os planos de cursos.

Na descrição dos critérios de avaliação encontrados nos cronogramas das disciplinas estavam presentes mais orientações de realização das atividades que os critérios. O fórum é uma das atividades que possui os critérios de avaliação mais detalhado, como pode ser verificada no Plano da disciplina Geometria Analítica I, a seguir.

Participante – não oferece contribuição para a discussão; não há evidências de que apresenta conceitos ou opiniões. Apenas participou porque emitiu uma mensagem, expôs-se frente ao grupo, mas não traz contribuições significativas a temática, não informou nem sugeriu com links ou outros textos de suporte. Colaborador – faz intervenções relacionais colabora com algumas reflexões e indicações referentes a temática em questão; explicita conceitos e expressa posturas, traz alguns elementos para a discussão, mas não vai além do texto,

não aprofunda.

Interventor – faz intervenções interpretativas e críticas, além de possuir todas as características do sujeito colaborador, acrescenta novos elementos a discussão da temática; outro direcionamento a discussão, desdobrando-a; sistematiza, amplia o assunto abordado (UNEB, 2009, p.2).

Mesmo apresentando modificação nas estratégias para avaliar a aprendizagem dos estudantes, observa-se que os instrumentos avaliativos ainda exercem a função de “controle e pressão”, usados como sinônimos de avaliação e tendo um trabalho realizado de maneira superficial de acompanhamento dos discentes na EAD.

Com relação aos instrumentos de avaliação que consideraram avaliar o seu conhecimento, citaram desde as atividades em grupo e individual (Q-1, Q-16), prova (Q-3 e 12), exercícios (Q-14 e 15), pesquisas (Q-13 e 16) “que a gente sempre acaba buscando coisas novas” (Q-13), os fóruns (Q-2, 5, 9 e 10), “os fóruns e trabalhos que temos que posicionar, mas fiel ao conhecimento que você aprendeu” (Q-10), seminários (Q-6, 10 e 12), que “[...] deu oportunidade a todos de se expressar perante ao público”(Q-6).

Os estudantes consideram que as atividades avaliativas como o fórum e o seminário possibilitaram o seu desenvolvimento e compreensão do conteúdo estudado, são atividades em que podem expressar seus pensamentos e conhecer as reflexões dos demais colegas. Observa-se que as atividades consideradas de melhor verificação da aprendizagem, são as que possuem um maior potencial de interação. É importante salientar que a EAD deverá ser um espaço de cooperação e corresponsabilidade, que suscite nos estudantes o interesse por estudar, com destaca Ramal (2000) a aprendizagem deve estar associada com a pesquisa e a extensão, numa perspectiva de que os estudantes estejam aprendendo para a sua ampliação na participação cidadã nos diferentes espaços sociais. Um conhecimento que seja ao mesmo tempo individual e coletivo.

Com relação as dificuldades identificadas no processo de avaliação, os pesquisados elencaram várias, desde à chegada do módulo, a falta de aulas presenciais e videoaula mais dinâmicas, tempo para estudar, falta de base do ensino médio, o excesso de atividades, falta de apoio do tutor a distância, de biblioteca, dificuldades da versão do *Office*, dentre outros. Uma das reclamações mais presentes foi relacionada ao grande volume de atividades avaliativas a serem realizadas, praticamente três semanas seguidas de prova escritas individuais e em um dos prazos haviam cinco atividades para o mesmo dia. Os discentes demonstraram um cansaço e alguns disseram que se continuasse acabariam desistindo do curso.

Lago (2003) aponta que a quantidade excessiva de atividades impede a dedicação dos estudantes, visto que eles precisam estar *online* em outros ambientes da sociedade, muitos trabalham com suas famílias e teriam que ter o dobro de tempo para a realização das mesmas.

Outra dificuldade está relacionada a permanência nos cursos na modalidade EAD, os estudantes desistem antes de sua conclusão, o curso pesquisado estava no terceiro semestre com evasão de quase 40%.

Outro aspecto que impacta na motivação para a permanência do estudante, é a proximidade com a equipe pedagógica. Os estudantes relataram a ausência do contato com o professor formador e, principalmente com o tutor a distância, pois as atividades e dúvidas postadas em sua maioria não possuem retorno. Estes têm a sensação de abandono e que o processo de aprendizagem deve ser sozinho, sem alguém que exerça o papel de mediador, não ocorrendo interação (ARIEIRA et al, 2009; ALMEIDA, 2003).

Essa falta de interação, comunicação e participação vão de encontro a concepção de uma sociedade democrática, conseqüentemente, de uma educação e avaliação democrática. Sabemos que a participação é primordial, influencia diretamente na dinâmica e na qualidade das relações. O que irá direcionar o envolvimento dos atores no processo, o sentir parte atuante, com a função e objetivos claros, para que se destina e qual perfil de cidadão que se propõe a construir. Essa não é uma atividade isolada, mas sim um trabalho de grupo, que exige interação (BRITO; LORDÊLO, 2009).

Com base na pesquisa realizada por Brito e Lordêlo (2009) transformamos algumas assertivas em perguntas. Na opinião dos entrevistados, o resultado da avaliação é uma oportunidade para o professor refletir como é dado o conteúdo? 81,2% consideraram que sim como nos traz alguns discentes, “nesse momento sabe se o aluno aprendeu ou não” (Q-15), “fundamental” (Q-10).

O professor deve dar um *feedback* ao estudante sobre o seu desempenho?, todos consideram que sim, uma “segunda chance, não deixar no prejuízo” (Q-1), “se ele está desempenhando bem vai ter mais estímulo para estudar, se não vai bem, serve para conscientizar”(Q-3), “pelo fato de ver onde errou para com o erro aprender e corrigir o seu erro”(Q-16). O que nos leva a concluir que o retorno sobre o desenvolvimento das suas atividades não está presente no curso investigado compreende-se que a prática do *feedback* para o estudante ocorre quando o processo de ensino - aprendizagem e avaliação estão alicerçados em uma visão democrática e libertadora (LUCKESI, 2009; HOFFMANN, 1991).

Existe um clima de pressão em cima dos estudantes quando vão ser avaliados? Acreditam que sim, pois os estudantes ficam nervosos, agitados, com medo da nota, às vezes não estão preparados, querem alcançar a nota, “pelo fato de o professor ir cobrar os conteúdos que ele deu, ainda mais se for matemática” (Q-16). Ferreira (2002) aponta que essa situação de tensão provoca emoções desagradáveis e que deveriam ser evitadas ou pelo menos

minimizadas, pois estes momentos contribuem para o “fracasso” dos discentes, afeta a sua capacidade de compreensão sobre os conteúdos trabalhados. Percebemos que a avaliação (prova) ainda é utilizada por alguns “[...] como instrumentos de ameaça e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador da aprendizagem” (LUCKESI, 2009, p.18).

Com relação a maneira como foi avaliado, alguns concordam “já que são normas a serem seguidas não tem como fugir dela”(Q-1), “pelo método tradicional com esta avaliação se sair bem”(Q-14) e outros discordaram “porque não tem um retorno, avaliado por avaliar, cumprir uma norma”(Q-7), e a “quantidade de avaliação e o sistema abordado”(Q-6).

Quando perguntado, caso seja professor se avaliaria da mesma forma que foi avaliado, a maioria relatou que não, e querem buscar outras estratégias para avaliar. Somente dois discentes afirmaram que sim, “as vezes, as outras metodologias complicadas vão ser aplicados em sala de aula” (Q-6), “Eu gosto de ser avaliado assim” (Q-14). Assim, percebemos que os discentes compreendem que as práticas avaliativas em seu curso são voltadas para os aspectos quantitativos, estes desejam que seus estudantes sejam avaliados a partir de novas práticas avaliativas considerando a avaliação no ensino tradicional limitadora do desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes. Logo, estabelece um desafio o de repensar constante a educação considerando que na EAD, com as tecnologias da informação e comunicação, as aprendizagens ocorrem de diferentes formas (PRETTO; PICANÇO, 2002).

Um cuidado a se ter é referente a transposição de práticas pedagógicas e avaliativas do ensino presencial para o ensino a distância. Para Pretto e Picanço (2002), na EAD há uma tendência em manutenção de ações tradicionais, evidenciando uma visão técnica e funcionalista da educação, no aspecto da avaliação ocorre um destaque para os instrumentos de mensuração. Vale salientar, que as TIC sozinhas não são capazes de gerar transformações efetivas nos espaços educacionais, se quem as utilizam permanecem com uma visão fragmentada e reducionista do processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurou-se apresentar algumas questões importantes sobre a visão dos estudantes sobre a avaliação. Percebe-se a necessidade de valorizar a participação de todos os atores no processo de construção do conhecimento, um fazer coletivo, no qual todos possuam a visão do todo e sintam-se responsáveis pela produção do saber individual e coletivo. Na realização desta pesquisa, percebemos que houve inicialmente resistência por parte dos discentes em participar. Alguns achavam que realizar a entrevista seria difícil, além disso, a

dificuldade de disponibilidade de tempo dos mesmos para a entrevista, já que os mesmos estavam em período de provas e com um grande volume de atividades avaliativas a serem postadas no ambiente virtual de aprendizagem.

Outra dificuldade foi o acesso ao tutor, o mesmo não se disponibilizou para participar da pesquisa justificando-se a falta de tempo pelo excesso de trabalho. No geral, a avaliação tem como caráter somativo, as atividades (provas) ocorrem em sua maioria no final de cada módulo e não existe a prática de *feedback* para os estudantes, além da postagem da nota no ambiente virtual de aprendizagem.

Desta maneira, reconhecemos a necessidade de se ter uma ampla visão das dificuldades e problemas que ocorrem no ensino na modalidade EAD, como a qualidade das conexões, o estar *off-line* em momentos que seria essencial o estar *online*, a cultura de acessar a disciplina e na gestão do tempo, pois a maioria dos discentes e docentes tem mais de um trabalho e escolheram esta modalidade de ensino pela flexibilidade possibilitada pela mesma. Que as propostas de ensino em EAD sejam construídas a partir do contexto dos discentes, suas necessidades e interesses. A formação de cursos não tão engessados com propostas de trabalho construídas coletivamente “[...] dialogando com uma cosmovisão aberta à desordem, à multiplicidade cultural, à reflexão ético política, implicados a uma crítica social do conhecimento e do conhecimento educacional” (PEREIRA, 2008, p.14).

A reflexão sobre a avaliação da aprendizagem é um desafio que se tem para, assim transpor ao mito estabelecido em torno da avaliação. Existe a necessidade de discentes e docentes desmistificarem a avaliação, pela conscientização e conhecimento do que tem influenciado o seu conceito. Por ser uma construção histórica é indispensável conhecer os modelos que vem refletindo na prática pedagógica e fazendo questionamentos, para assim caminhar em direção a uma avaliação construtiva e libertadora (HOFFMANN, 1991).

Na Educação Superior, as mudanças na concepção de educação, de avaliação influenciam no processo de formação dos docentes, o que se torna um desafio rever práticas avaliativas tradicionais. Para o futuro docente é um desafio a não replicação da maneira como foi avaliado durante o seu processo de ensino e aprendizagem na graduação. Além disso, conseguir ter uma compreensão ampliada das influências decorrentes das diferentes concepções de educação em suas escolhas pedagógicas é essencial para a inclusão de novas práticas avaliativas. Uma avaliação significativa em que há participação de todos os atores, com uma atividade que acontece em todo o processo de ensino-aprendizagem, que leve a tomada de decisão, e que se torne uma prática comum, uma cultura avaliativa, nos diversos espaços de aprendizagem, sejam eles presenciais ou *online*.

As tecnologias da informação e comunicação têm como potencial a interação e possibilita ao estudante ter práticas avaliativas com função diagnóstica, que contribua para a produção de novos saberes individuais e coletivos, de uma aprendizagem significativa, o erro como parte do processo para assim traçar quais rumos, atitudes e novas (des)construções (ALMEIDA, 2003). Desta forma, evidencia-se a necessidade de novas pesquisas sobre a temática da avaliação da aprendizagem na educação superior, nos ambientes de aprendizagem virtuais ou presenciais, e que busquem compreender a partir da visão dos estudantes como a avaliação tem se desenvolvido, para assim construir estratégias que venham subsidiar uma cultura avaliativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p.327-340, jul./dez. 2003.

ARIEIRA, Jailson de Oliveira. et al. Avaliação do aprendizado via educação a distância: visão dos discentes. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.17, n.63, p.313-340, abr./jun. 2009.

BARBOSA, Maria de Fátima. S. O; REZENDE, Flavia. A prática dos tutores em um programa de formação pedagógica a distância: avanços e desafios. **Interface**, v. 10, n. 20, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v10n20/14.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2010.

BENAKOUCHE, Tamara. Educação a distância (EAD): uma solução ou um problema? **Socius-Centro de Investigação em Sociologia Econômica e das Organizações**, Lisboa, n.5, p. 1-23, 2000. Disponível em: <bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs00/.../00gt0232.doc>. Acesso em: 26 abr. 2010.

BRASIL. Decreto n.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei n.º 9.394/96). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 10 fev.1998. Disponível em: <http://cead.ufpel.edu.br/legislacao/dec_2494.pdf?MeuLogin=1d6b515816bede6180bab9c827735ed4>. Acesso em: 20 jun. 2010.

_____. Decreto n.º 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei n.º 9.394/96). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 19 dez.2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 20 jun.2010.

_____. Decreto n.º 5.800, de 8 de junho de 2006. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 8 jun.2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm>. Acesso em: 10 mar.2010.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 196/1996**. Brasília: Ministério da Saúde 10 out. 1996. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html>. Acesso em: 10 abr. 2010.

BRITO, Cristiane; LORDÉLO, José Albertino de Carvalho. Avaliação da aprendizagem no ensino superior. In: TENÓRIO, Robinson Moreira; VIEIRA, Marcos Antonio (Org.). **Avaliação e sociedade: a negociação como caminho**. Salvador: EDUFBA, 2009, p.253-272.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. **A educação para o século XXI: o desafio da qualidade e da equidade**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999.

DALBEN, Ângela Imaculada L. de Freitas. Das avaliações exigidas às avaliações necessárias. In: BOAS, BENIGNA Maria de Freitas Villas. (Org.) **Avaliação: Políticas e práticas**. São Paulo: Papirus, 2002, p.13-42.

FERREIRA, Lucinete Maria Sousa. **Retratos da avaliação: conflitos, desvirtuamentos e caminhos para a superação**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

GATTI, Bernardete A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n.37, jan-abr. p.57-70, 2008.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Educação e Deslocamento. Resultados da Amostra. **Censo Demográfico**. 2010. Disponível em:<ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Educacao_e_Deslocamento/pdf/tab_educacao.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2012.

LAGO, Andréa Ferreira. Aluno: on-line; senha: comunidade: considerações sobre EAD a partir de experiências como aluna on-line. In: ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane. **Educação a distância**. São Paulo: Futura, 2003. p.75-86.

LIMA JÚNIOR, Arnaud Soares de; ALVES, Lynn Rosalina Gama. Educação e contemporaneidade: novas aproximações sobre a avaliação no ensino online. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa (Org.). **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p.67-78.

LOBO NETO, Francisco José da Silveira. Regulamentação da educação a distância: caminhos e descaminhos. In: SILVA, Marcos (Org.) **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003, p.397-413.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **Eccos Revista Científica**. São Paulo, v. 4, n.2, p.79-88, dez. 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1988.

MAGNAVITA, Cláudia. Educação a distância: desafios pedagógicos. In: ALVES, L. R. G., NOVOA, C. C. **Educação e tecnologia: trilhando caminhos**. Salvador: Editora da UNEB, 2003, p.55- 61.

MEDEIROS, Marilu Fontoura de. et al. Algo de novo sob o sol? Capturas de traçados possíveis na construção do conhecimento produzido em EAD: desafios e intensidades no vivido. In: SILVA, Marcos (Org.) **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003, p.345-367.

PEREIRA, Socorro Cabral. Os dilemas docentes no contexto do curso de formação de tutores em EAD. In: SILVA, Patricia Rosa da; RICCIO, Nícia Cristina Rocha (Org.) **Reflexões sobre educação online**. Salvador: ISP/PRADEM/UFBA, 2008.

PRETTO, Nelson de Luca; PICANÇO, Alessandra Assis. (Re) pensando a avaliação em EAD. In: JAMBEIRO, Othon; RAMOS, Fernando (Org.). **Internet e educação a distância**. Salvador: EDUFBA, 2002, p. 215-232.

RAMAL, Andrea Cecilia. Avaliar na cibercultura. **Revista Pátio**. Porto Alegre, p.2-7, fev. 2000.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. Avaliação da aprendizagem na educação a distância: análise da prática para início de conversa. **Eccos Revista Científica**. São Paulo, v. 10, n.2, p.283-306, jul./dez. 2008.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA (UNEB). **Matriz curricular do Curso de Licenciatura em Matemática**. Salvador: UNEB/EAD, 2008.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA (UNEB). **Plano de ensino da disciplina Geometria Analítica I**. Salvador: UNEB/EAD, 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. 11 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

ZUIN, Antonio A. S. Educação a distância ou educação distante? O programa Universidade Aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, v.27, a. 96-especial, out., p. 935-954, 2006.